

MARIANA LEKY

O DIA EM QUE SELMA SONHOU COM UM OCAPI



Um romance
para rir, chorar
e recuperar
a fé no amor
e na ternura

MARIANA LEKY

**O DIA EM QUE
SELMA SONHOU
COM UM OCAPI**



Planeta

2ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO

Claudia Abeling

 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © DuMont Buchverlag, Colônia (Alemanha), 2017

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019, 2021

Copyright © Claudia Abeling

Todos os direitos reservados.

Título original: *Was man von hier aus sehen kann*

PREPARAÇÃO: Maitê Zickuhr

REVISÃO: Luiza Del Monaco, Fernanda Cosenza e Andréa Bruno

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Eduardo Foresti e Helena Hennemann - Foresti Design

DIAGRAMAÇÃO: Anna Yue

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Leky, Mariana

O dia em que Selma sonhou com um ocapí / Mariana Leky; tradução de Claudia Abeling. – 2. ed. - São Paulo: Planeta, 2021.

320 p.

ISBN: 978-65-5535-487-4

Título original: *Was man von hier aus sehen kann*

1. Ficção alemã I. Título II. Abeling, Claudia

21-3388

CDD 833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção alemã



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo



**GOETHE
INSTITUT**

A tradução desta obra recebeu o apoio do Goethe-Institut

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação

01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

PRIMEIRA PARTE



Planeta

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



PASTO, PASTO

Quando Selma disse que tinha sonhado com um ocapi durante a noite, estávamos certos de que um de nós haveria de morrer, provavelmente nas vinte e quatro horas seguintes. Bem, estávamos quase certos. Foram vinte e nove horas. A morte chegou com um pequeno atraso e de maneira literal: ela entrou pela porta. Talvez tenha se atrasado porque hesitou demais, para além do último instante.

Selma tinha sonhado três vezes com um ocapi durante sua vida, e em todas as vezes em que isso aconteceu alguém morreu, por isso estávamos convencidos da inegável associação entre sonhar com um ocapi e a morte. É assim que funciona nossa razão. Ela consegue, em pouquíssimo tempo, fazer com que coisas das mais disparatadas criem um vínculo muito forte. Bules de café e cadarços, por exemplo, ou garrafas de vidro retornáveis e árvores de Natal.

A lógica do oculista era especialmente boa nisso. Bastava alguém lhe dizer duas coisas que não tinham nenhuma relação entre si para ele criar uma analogia. E foi justo o oculista que afirmou de maneira categórica que o recente sonho com o ocapi não traria a morte de ninguém, que a morte e o sonho de Selma estavam absolutamente dissociados entre si. Mas sabíamos que, no fundo, o oculista também acreditava nesse vínculo. Principalmente o oculista.

Papai também dizia que essa história de morte era uma bobagem execrável e que nosso disparate se devia basicamente a não permitirmos que o mundo entrasse suficientemente em nossas vidas. Ele dizia sempre: “Vocês têm de se abrir mais para o mundo”.

Ele falava isso com convicção, no passado, em especial para Selma.

Depois, falava apenas de vez em quando.

O ocapi é um animal bizarro, muito mais bizarro do que a morte, e parece totalmente incongruente com suas pernas de zebra, ancas de tapir, torso vermelho-ferrugem de girafa, olhos de cervo e orelhas de rato. Um ocapi é implausível ao extremo, tanto na realidade quanto nos sonhos nefastos de uma mulher das montanhas Westerwald.

O ocapi foi descoberto na África há apenas oitenta e dois anos. Trata-se do último grande mamífero descoberto pelo ser humano; ao menos, é o que se acredita. Supõe-se que seja verdade, pois nada é capaz de superar um ocapi. Provavelmente alguém já tinha divisado extraoficialmente um ocapi muito antes, mas talvez essa pessoa, ao se deparar com o ocapi, tivesse achado estar sonhando ou ter perdido o juízo, porque um ocapi, principalmente quando aparece de súbito e inesperadamente, passa a impressão de ser um devaneio dos grandes.

O ocapi, porém, está longe de passar uma impressão sinistra. Ele não pareceria sinistro mesmo se fizesse muito esforço para isso, algo que – até onde sabemos – é raro. Mesmo que o sonho de Selma colocasse gralhas e corujas (que prenunciam toda a gama de desgraças) batendo as asas ao redor da sua cabeça, o ocapi ainda assim passaria uma impressão muito dócil.

No sonho de Selma, o ocapi estava numa planície, perto da floresta, em meio a um conjunto de plantações e prados

chamado Uhlheck. Uhlheck significa Bosque das Corujas. Os habitantes das montanhas Westerwald falam muitas coisas de um jeito diferente e mais abreviado do que o habitual porque gostam de terminar logo as conversas. A aparência do ocapi era exatamente como na realidade, e a aparência de Selma também era exatamente como na realidade, aliás, praticamente igual à do cantor e apresentador e ator Rudi Carrell.

Por incrível que pareça, não percebíamos a semelhança absoluta entre Selma e Rudi Carrell; foi preciso que, apenas anos mais tarde, alguém de fora viesse nos chamar a atenção para esse fato. Foi então que a semelhança nos impactou com o ímpeto que lhe competia. O corpo alto e magro de Selma, a postura, os olhos, o nariz, a boca, os cabelos: de cima a baixo, Selma era igualzinha a Rudi Carrell, de modo que a partir de então ele passou a ser, para nós, apenas uma cópia malfeita dela.

No sonho, Selma e o ocapi estavam absolutamente parados no Bosque das Corujas. O ocapi tinha virado a cabeça para a direita, na direção da floresta. Selma encontrava-se a alguns passos de distância. Vestia a camisola que estava usando na vida real; ora verde, ora azul ou branca, sempre até os tornozelos, sempre florida. Ela tinha abaixado a cabeça, olhava para os velhos dedos na grama, tortos e compridos como realmente eram. Ela mirava o ocapi só de vez em quando, de soslaio, de cima para baixo, do jeito que olhamos para alguém que amamos um tantinho a mais do que gostaríamos de alardear por aí.

Ninguém se mexia, ninguém dizia nada, não ventava, embora sempre ventasse no Bosque das Corujas. Daí, no fim do sonho, Selma ergueu a cabeça, o ocapi virou a sua na direção de Selma, e eles se encararam. O olhar do ocapi era muito suave, muito escuro, muito úmido e muito grande. Parecia amistoso e como se quisesse lhe formular uma pergunta, como se lamentasse que ocapis não pudessem fazer perguntas também

nos sonhos. A imagem ficou congelada durante muito tempo: a imagem de Selma e do ocapi, olhando-se nos olhos um do outro.

Em seguida, a imagem se dissipou, Selma acordou e ele, o sonho, acabou – e logo a vida de alguém próximo se acabaria também.

Na manhã seguinte, 18 de abril de 1983, Selma quis apagar o sonho do ocapi e resolveu fingir estar muito alegre. Na imitação da alegria, ela era tão astuta quanto um ocapi e acreditava que a maneira mais crível de transmitir descontração era ficar saltitando por aí. Portanto, depois do sonho, Selma apareceu na cozinha como quem não queria nada, sorrindo torto, e não percebi o quanto ela estava parecida com Rudi Carrell quando ele saía daquele globo gigante, um globo com oceanos azul-claros, países dourados e portas de correr, a abertura do programa *Rudis Tagesshow*.

Mamãe ainda dormia no cômodo acima do de Selma, papai já estava no consultório. Eu me sentia cansada. Eu tinha demorado a pegar no sono no dia anterior, pois Selma ficou sentada na minha cama por muito tempo. Talvez alguma coisa dentro de mim tivesse pressentido o sonho e, por essa razão, quis mantê-la acordada durante muito tempo.

Quando eu dormia no andar de Selma, ela me contava à beira da cama histórias com finais felizes. Quando eu era menor, sempre apertava seu pulso depois das histórias, colocava o polegar sobre as veias imaginando que o mundo pulsava no ritmo do seu coração. Imaginava o oculista lapidando lentes, Martin erguendo um peso, Elsbeth cortando a cerca viva, o dono do mercadinho arrumando os sucos, mamãe empilhando galhos de pinheiros, papai carimbando receitas – e todos agiam seguindo exatamente o ritmo do coração de Selma. Era

certo que eu adormeceria em seguida. Porém, naquela época, eu contava dez anos e Selma disse que eu estava velha demais para isso.

No momento em que Selma entrou, eu estava na mesa da cozinha repassando minha lição de casa de geografia, já pronta, para o caderno de Martin. Fiquei espantada por Selma dizer “oiê” e, animada, me dar um beliscão na cintura, em vez de brigar por eu estar fazendo de novo a lição por Martin. Selma nunca tinha dito “oiê” e também nunca tinha beliscado alguém para ser divertida.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — Selma respondeu, sorrindo. Ela abriu a geladeira, tirou um pacote de queijo fatiado e uma linguiça, balançando os dois no ar. — O que vai querer de lanche hoje? — ela continuou, só sorrisos. — Minha gatinha — ela acrescentou, sorrindo. E sorrir e me chamar de “minha gatinha” eram sinais de alerta.

— Queijo, por favor — eu disse. — O que aconteceu?

— Nada — Selma continuou sorrindo —, já disse. — Ela passou manteiga numa fatia de pão e acabou derrubando o queijo no chão porque não parava de saltitar.

Selma parou e olhou para baixo, na direção da embalagem do queijo, como se algo muito valioso tivesse se espatifado em milhares de caquinhos.

Fui até ela e apanhei o queijo. Agachada, ergui o olhar para encará-la. Selma era ainda mais alta do que a maioria dos outros adultos e naquela época devia estar por volta dos sessenta; ou seja, da minha perspectiva, era alta feito um varapau e jurássica. Ela me parecia tão grande que eu achava que, do alto de sua cabeça, era possível enxergar a cidade vizinha e mais além, e tão jurássica que eu achava que ela tinha ajudado na criação do mundo.

Mas, mesmo lá de baixo, a metros de distância de seus olhos, eu podia ver por trás de suas pálpebras que algo terrível tinha se passado à noite.

Selma pigarreou.

— Não conte para ninguém — ela disse baixinho —, mas acho que sonhei com um ocapí.

Naquele instante, eu estava acordadíssima.

— Você tem certeza de que era um ocapí?

— O que mais poderia ter sido? — disse Selma, completando que não dava para confundir um ocapí com outro animal.

— Dá, sim — retruquei, dizendo que poderia ter sido um boi com uma deformação, uma girafa montada do jeito errado, um gracejo da natureza, e que as listras e a cor vermelho-ferrugem eram difíceis de serem reconhecidas à noite, quando tudo fica meio difícil de enxergar.

— Bobagem — Selma retrucou, esfregando a testa —, infelizmente isso é uma bobagem, Luise.

Ela colocou uma fatia de queijo sobre o pão, dobrou-o em sanduíche e guardou-o na minha lancheira.

— Você sabe a que horas exatamente foi o sonho?

— Por volta das três — Selma respondeu. Ela disse que tinha se levantado num salto depois que a imagem do ocapí desaparecera, que tinha ficado sentada na cama, empertigada, encarando a camisola que havia pouco, no sonho, estava usando no Bosque das Corujas, e depois encarou o despertador. Três horas da manhã.

— Provavelmente é melhor não levarmos a coisa tão a sério — disse Selma, mas ela falou como um policial de seriado de TV que não leva muito a sério um bilhete anônimo.

Selma guardou a lancheira na minha mochila e, nessa hora, pensei em perguntar a ela se eu podia ficar em casa por causa do ocorrido.

— Mas é claro que apesar desse sonho você vai para a escola — disse Selma, que sempre sabia o que eu estava pensando, como se meus pensamentos formassem guirlandas de palavras decorando minha cabeça. — Você não vai se incomodar com um sonho tão estapafúrdio.

— Posso contar para o Martin? — perguntei.

Selma pensou.

— Pode — ela disse, afinal. — Mas só para o Martin.

Nossa cidade era muito pequena para uma estação de trem e pequena demais também para uma escola. Portanto, todas as manhãs, Martin e eu tomávamos o ônibus até a pequena estação na cidade vizinha e depois o trem regional para a capital do nosso estado.

Enquanto esperávamos pelo trem, Martin me levantou. Martin treinava levantar pesos desde o jardim de infância, e eu era o único peso que estava sempre disponível e que podia ser erguido a qualquer momento. Os gêmeos da cidade vizinha só permitiam serem levantados mediante pagamento, vinte centavos por gêmeo levantado, e Martin ainda não conseguia erguer os adultos ou novilhos, e todo o resto que poderia ser um desafio, árvores delicadas, porcos não muito gordos, ou estava bem preso ao chão, ou fugia correndo.

Martin e eu tínhamos a mesma altura. Ele se agachava, me pegava pelos quadris e me levantava. Nessa época, ele já conseguia me segurar por quase um minuto no ar; eu tocava o chão apenas quando esticava os dedos dos pés bem para baixo. Quando Martin me ergueu pela segunda vez naquela manhã, eu disse:

— Essa noite minha avó sonhou com um ocapí.

Encarei a risca no cabelo de Martin, seu pai tinha penteado os cabelos loiros com um pente molhado, algumas mechas ainda estavam escuras.

A boca de Martin se encontrava na altura do meu umbigo.

— Então alguém vai morrer? — ele perguntou para o meu pulôver.

Talvez seu pai morra, pensei, mas claro que não disse isso, pois pais não devem morrer, tanto faz o quão péssimos sejam. Martin me colocou no chão e expirou o ar.

— Você acredita nisso? — ele perguntou.

— Não — respondi.

A placa vermelha e branca de sinalização da plataforma, de repente, soltou-se e caiu.

— Está ventando bastante hoje — disse Martin, mas não era verdade.

Enquanto Martin e eu estávamos no trem, Selma ligou para a cunhada Elsbeth contando que tinha sonhado com um ocapi. Ela fez Elsbeth prometer que não diria nada para ninguém. Em seguida, Elsbeth telefonou para a mulher do prefeito, na verdade, apenas por causa do planejamento da festa da primavera que estava para acontecer, mas, quando a mulher do prefeito perguntou “E tem mais alguma novidade?”, rapidamente se soltaram as amarras com as quais Selma havia atado o sonho do ocapi à alma de Elsbeth, e num piscar de olhos toda a cidade já estava sabendo. Foi tão rápido que Martin e eu ainda estávamos no trem rumo à escola quando a cidade inteira já sabia.

A viagem de trem durava quinze minutos, não havia paradas intermediárias. Desde nossa primeira viagem, sempre brincávamos da mesma coisa: frente a frente no vagão, ficávamos de costas para as janelas, encostados nas portas. Martin fechava os olhos, eu olhava através do vidro da porta à qual Martin dava as costas. No primeiro ano, tinha listado para Martin o

que eu via durante o percurso, e Martin tentava aprender tudo de cor. Deu tão certo que no segundo ano eu não precisei dizer mais nada. Martin, de costas para a janela e de olhos fechados, podia dizer, a cada instante, praticamente tudo o que eu estava vendo pela janela.

— Fábrica de arame — ele disse bem no momento em que passamos pela fábrica de arame. — Agora a plantação. O pasto. A granja do maluco Hassel. Campina. Floresta. Floresta. Observatório um. Plantação. Floresta. Campina. Pasto, pasto. Fábrica de pneus. Cidade. Pasto. Campina. Observatório dois. Pedaco de floresta. Casa. Plantação. Floresta. Observatório três. Cidade.

No início, Martin ainda cometia alguns erros devido à desatenção, dizia campina quando na verdade era plantação ou não enumerava a paisagem rápido o suficiente quando o trem acelerava no meio do trajeto. Mas logo ele passou a acertar tudo na mosca, dizia plantação quando eu via uma plantação, dizia granja quando a granja passava chispando.

Agora, no quarto ano da escola, Martin sabia tudo, sem qualquer dificuldade, com as distâncias exatas, de frente para trás e de trás para a frente. No inverno, quando a neve tornava plantações e campinas indistinguíveis, Martin recitava o que a superfície irregular branca, que eu via correr diante de meus olhos, era na verdade: plantação, floresta, campina, pasto, pasto.

À exceção de Elsbeth, cunhada de Selma, em geral as pessoas na cidade não eram supersticiosas. Elas faziam despreocupadamente tudo aquilo que de acordo com as crendices não se pode fazer. Ficavam sentadas debaixo de relógios de parede, embora os supersticiosos achem que se possa morrer por causa disso; dormiam com a cabeça voltada para a porta, embora entre os

supersticiosos isso signifique que a pessoa logo será carregada porta a fora, sendo puxada pelos pés. Elas também penduravam roupas para secar entre o Natal e o Ano-Novo, algo que os supersticiosos consideravam equivalente a um suicídio ou morte assistida, alertava Elsbeth. Elas não se assustavam quando, de noite, uma corujinha piava, quando um cavalo suava muito no estábulo, quando um cachorro uivava à noite de cabeça baixa.

O sonho de Selma, entretanto, era factual. Se um ocapí aparecia no seu sonho, a morte aparecia na vida; e todos agiam como se ela realmente fosse aparecer apenas e tão somente naquele momento, como se viesse sorrateira, surpreendente, como se não fosse algo pressuposto desde o início, sempre numa proximidade distante, como uma madrinha de batismo que passa a vida inteira enviando pequenas e grandes lembrancinhas.

Era possível notar que as pessoas na cidade estavam inquietas, mesmo quando grande parte tentava não deixar transparecer nada. Pela manhã, poucas horas depois do sonho de Selma, as pessoas se movimentavam na cidade como se gelo escorregado cobrisse todos os caminhos, não apenas fora, mas também dentro das casas, em suas cozinhas e salas. Elas se movimentavam como se seus corpos lhes fossem estranhos, como se todos os seus membros estivessem inflamados, e também como se os objetos com os quais lidavam fossem altamente inflamáveis. Passaram o dia inteiro desconfiando da própria vida e, na medida do possível, também da de todos os outros. Olhavam o tempo todo para trás, a fim de checar se alguém apareceria num salto, cheio de vontade de matar, alguém que tivesse perdido a razão e, portanto, sem mais nada a perder. Depois, rapidamente olhavam de novo para a frente, porque, afinal, alguém sem razão também poderia atacar frontalmente.

Olhavam para cima, para evitar telhas, galhos ou lustres pesados caindo. Evitavam todos os animais, imaginando que eles pudessem trazer a morte mais facilmente do que as pessoas. Desviavam das vacas bonachonas, que naquele dia possivelmente iriam escapar, evitavam os cachorros, até os bem velhos, que mal conseguiam ficar em pé, mas que ainda assim poderiam abocanhar seus pescoços. Em dias como aquele tudo era possível, até mesmo um salsichinha ancião esgoelar alguém, algo que, na realidade, não era tão mais esquisito do que um ocapi.

Todos estavam inquietos, no entanto, exceto Friedhelm, irmão do dono do mercadinho, ninguém estava horrorizado, porque o horror, via de regra, necessita da certeza. Friedhelm estava tão horrorizado como se o ocapi tivesse sussurrado seu nome no sonho de Selma. Ele saiu correndo, atravessou a floresta tropeçando, gritando e tremendo, até que o oculista o alcançou e o levou até papai. Papai era médico e aplicou em Friedhelm uma injeção que dava tanta alegria que o homem passou o resto do dia saltitando pela cidade, cantando “Oh, meu lindo Westerwald”, irritando todo mundo.

As pessoas da cidade inspecionaram seus corações, que, sem estarem acostumados com tanta atenção, dispararam causando preocupação. Elas lembraram que, antes do infarto, um braço formiga, mas não lembraram qual deles, de modo que ambos os braços das pessoas da cidade começaram a formigar. Elas inspecionaram seus estados de espírito, que, também sem estarem acostumados com tanta atenção, igualmente se agitaram, causando preocupação. Quando entravam no carro, quando pegavam um forçado nas mãos ou tiravam uma panela com água fervente do fogo, elas se perguntavam se a razão não sumiria de repente, se não surgiria um desespero incontrollável e com ele o rompante de bater com o carro em alta velocidade

contra uma árvore, de cair sobre o forçado ou despejar a água fervente sobre a própria cabeça. Ou o rompante não se manifestaria contra si mesmas, mas sim destinado a alguém próximo. Poderiam despejar água fervente, atropelar ou empurrar para cima do forçado o vizinho, o cunhado, a esposa.

Algumas pessoas da cidade evitaram qualquer movimentação durante todo o dia; outras, por ainda mais tempo. Elsbeth tinha contado ao Martin e a mim que há anos, no dia do sonho de Selma, o carteiro aposentado simplesmente parara de se mexer. Ele estava certo de que qualquer movimento poderia significar sua morte, mesmo dias e meses depois do sonho de Selma, quando alguém já tinha morrido fazia muito tempo devido ao sonho – no caso, a mãe do sapateiro. O carteiro simplesmente ficou sentado para sempre. Seus membros imóveis tinham infeccionado, o sangue empelotou e, por fim, coagulou no meio do caminho de seu corpo, ao mesmo tempo que o coração desconfiado parou; o carteiro acabou perdendo a vida pelo medo de perder a vida.

Algumas pessoas da cidade achavam que estava então mais do que na hora de revelar uma verdade secreta. Elas escreviam cartas, excepcionalmente repletas de palavras, muitos “sempre” e “nunca”. Antes de morrer, achavam que era preciso encarar a vida de maneira sincera, ao menos no instante final. E as pessoas achavam que as verdades ocultas são as mais verdadeiras de todas: como nunca são confrontadas, seu nível de verdade se mantém intacto e, visto que estão condenadas ao imobilismo devido ao ocultamento, ao longo dos anos essas verdades se tornam cada vez mais vultosas. Não apenas as pessoas que carregavam a verdade oculta e corpulenta consigo acreditavam ter de encarar a vida de maneira sincera em seu último instante como também esse era o credo da verdade em si.

A verdade também fazia questão de vir à luz no instante derradeiro, fazendo ameaças, dizendo que a morte era especialmente torturante se houvesse uma verdade escondida no corpo, que haveria um demorado cabo de guerra entre a morte, puxando de um lado, e a verdade corpulenta, puxando do outro, porque a verdade não quer morrer calada, visto que passou a vida toda enterrada. Ela, então, quer vir à luz pelo menos uma vez – ou para disseminar um fedor animalesco e assustar a todos, ou para comprovar que ela, à vista de todos, não era tão terrível e atemorizante assim. Pouco antes do suposto fim, a verdade escondida quer procurar urgentemente uma segunda opinião.

O único que se alegrou com o sonho de Selma foi o velho camponês Häubel. Ele tinha vivido por tanto tempo que era quase transparente. Quando seu bisneto lhe contou do sonho de Selma, o camponês Häubel levantou-se da mesa do café da manhã, acenou com a cabeça para o bisneto e subiu a escada até seu quarto, debaixo do telhado. Ele se deitou na cama e ficou olhando para a porta como uma criança que está fazendo aniversário e que, muito ansiosa, acordou cedo demais e fica esperando impaciente que os pais cheguem com o bolo.

O camponês Häubel tinha a firme convicção de que a morte seria educada, assim como ele o fora durante toda a sua vida. O camponês Häubel estava seguro de que a morte não lhe arrancaria a vida, mas a tiraria de suas mãos com cuidado. Ele imaginou a morte batendo de mansinho, abrindo só uma fresta na porta e perguntando “Posso?”, algo que o camponês Häubel naturalmente iria confirmar. “Claro”, responderia ele, “entre, por favor”. E a morte entraria. Ela se postaria ao lado da cama do camponês Häubel e perguntaria: “O momento é oportuno para o senhor? Posso passar mais tarde também”. O camponês Häubel iria se sentar e dizer: “Não, agora é um bom momento

para mim, melhor não adiar mais uma vez, nunca se sabe se você vai conseguir passar aqui de novo”, e a morte se sentaria na cadeira já a postos à cabeceira da cama. Ela se desculparia de pronto pelo frio de suas mãos, coisa que não incomodaria nem um pouco o camponês Häubel, e pousaria uma delas sobre os olhos dele.

Era assim que o camponês Häubel imaginava a cena. Ele se levantou mais uma vez, porque tinha se esquecido de abrir a janelinha do telhado, a fim de que depois a alma pudesse sair voando mais facilmente.

